



Neoliberalismo ameaça a Democracia

Alexandre Santos

Comentário sobre a contra-reforma política proposta pelo governo do presidente Fernando Henrique Cardoso no sistema de telefonia brasileiro.

No fundo, a reação dos policiais mineiros causou inveja a todos que vivem na miséria e são impotentes para fazer o governo ouvir seus reclamos

Na terça-feira, dia 24 de junho de 1997, a sociedade brasileira foi surpreendida com a movimentação das tropas da polícia mineira que, insatisfeita com os baixos salários, deflagrou uma greve e, em meio a um descontrole geral, avançou contra o Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte - MG, lembrando os tempos em que o Brasil se equiparava a qualquer "republicueta". Acuado, o governador Eduardo Azeredo convocou tropas leais ao governo, sediadas no interior, para defender o palácio. Na escaramuça, um cabo foi baleado na cabeça e o palácio chegou a ser invadido. O motim só foi debelado com a intervenção das tropas federais pertencentes ao Exército que impôs uma "paz dos vencedores" aos policiais militares mineiros. Mesmo assim, o clima insurrecional continuou e só foi "superado" quando o governador Azeredo sucumbiu às pressões e concedeu aumento salarial de 48% às tropas rebeladas.

Esse gravíssimo episódio da história recente do país, nos deixa lições preciosas. Em primeiro lugar, confirma a suspeita, já levantada no Caso Diadema, de que a maioria dos policiais brasileiros é completamente despreparada psicologicamente para portar uma arma. No Caso Diadema, lembre, uma barreira policial foi transformada em campo de tortura e morte. Agora, em Belo Horizonte, uma simples greve de funcionários públicos descambou para a batalha campal com ameaça aos poderes constituídos, resultando, inclusive, num caso de morte. Esses casos mostram que, diante da menor pressão, os policiais não titubeiam em sacar seus "instrumentos de trabalho" para dar início a tiroteios inconseqüentes.

Mas, esse gravíssimo aspecto do episódio, no entanto, não esgota suas importantes lições. Ele denunciou a insatisfação extrema que permeia toda a sociedade. No fundo, a reação dos policiais mineiros causou inveja a todos que vivem na miséria e são impotentes para fazer o governo ouvir seus reclamos. A maioria dos insatisfeitos e desamparados gostaria de tomar as mesmas atitudes da Polícia Mineira, pois viram que sob a ameaça das armas o governo concordou em conceder um aumento salarial.

Embora tenha apaziguado os ânimos da PM-MG, o ato do governador Eduardo Azeredo tem alcance extremamente limitado e, decididamente, não remove as causas da insatisfação social. De fato, todas as razões do descontentamento popular estão mantidas. O desemprego e o arrocho salarial continuam comprometendo a sobrevivência nas pessoas, despertando sentimentos incontidos que implicam na violência social e política. Na realidade,

o clima de insurreição aflorado na Praça de Liberdade, em Belo Horizonte, já é vivido em todas as cidades do país e têm no *trombadismo* e na *criminalidade* suas formas mais freqüentes de manifestação. Enquanto os PM's mineiros enfrentaram o governo para obter condições de sustento, a parcela do povo miserável e faminto, que se recusa a exercer a vergonhosa "profissão" de mendigo, recorre à violência para obter os meios que precisa para sobreviver, estabelecendo um arremedo de guerra civil. O episódio de Belo Horizonte alertou para aquilo que todos já sabem: vivemos num caldeirão prestes a explodir. Enquanto a política liberalista do governo FHC não for mudada, o povo continuará esmagado e recorrendo aos episódicos "gritos de revolta" como os que foram dados na Praça da Liberdade, sendo de se esperar o incremento da violência urbana e rural.

Minas sempre esteve na vanguarda dos movimentos libertários. Esse episódio da Praça da Liberdade não terá sido um aviso?

Alexandre Santos é presidente regional e dirigente nacional do Partido Solidarista Nacional
(PSN)

Editorial de O Libertador, nº 62, da 1ª quinzena de julho de 1997.